REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

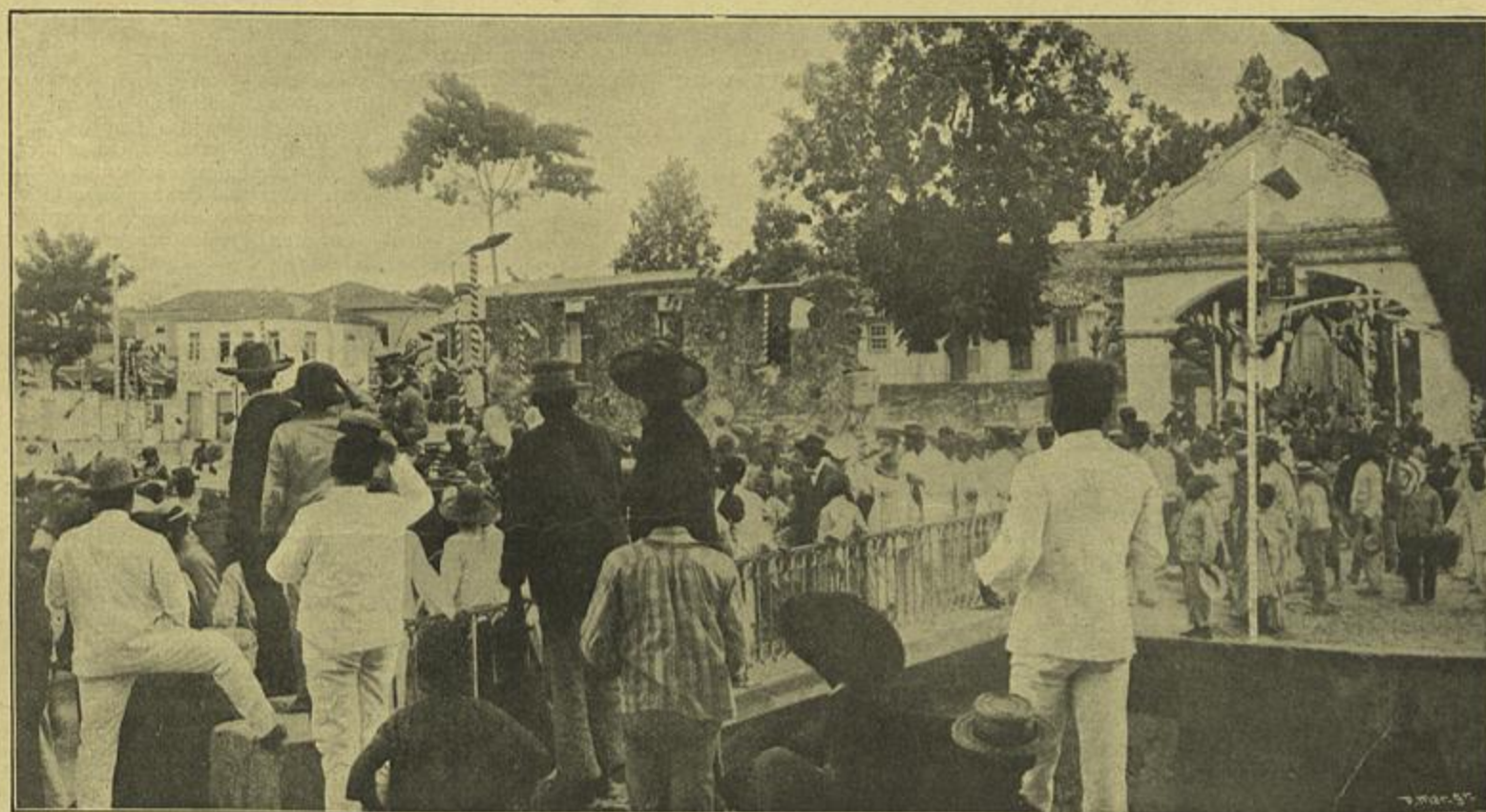
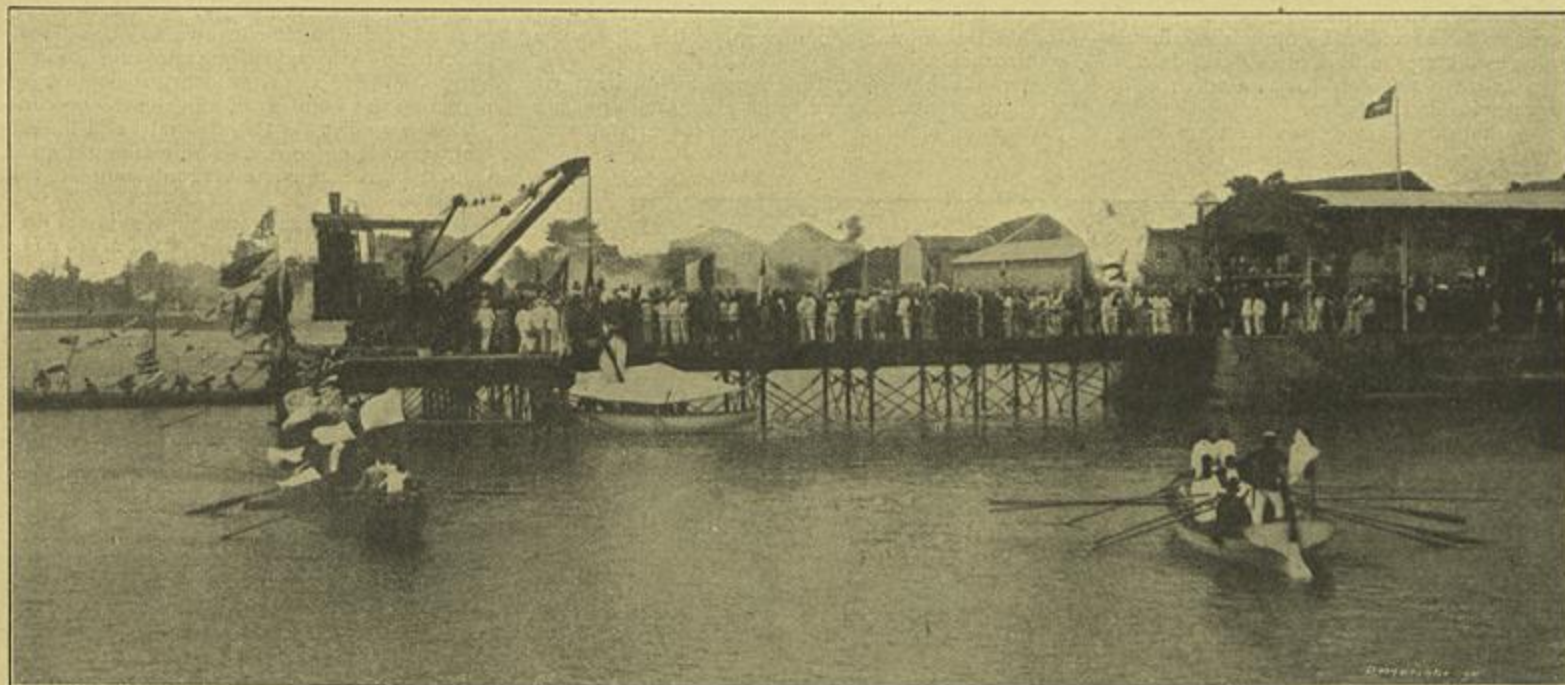
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	-$-	-$

30.º Anno — XXX Volume — N.º 1032

30 DE AGOSTO DE 1907

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

Viagem de Sua Alteza o Principe D. Luis Filipe ás Colonias

EM S. THOMÉ — DESEMBARQUE DE S. A. O PRINCIPE D. LUIS FILIPE, NA PONTE ENTRE AS SALVAS DA ARTILHARIA E AS ACLAMAÇÕES DO POVO — SUA ALTEZA PASSANDO NA PONTE PINHEIRO CHAGAS E RUA GENERAL CALHEIROS

(Fotografias do sr. M. Lopes, enviadas pelo sr. Magalhães Azevedo)

Chronica Occidental

Quem o havia de dizer, com tanto que se tem passado n'estes ultimos dias? Nem a reunião da commissão executiva do partido regenerador, nem a chamada dos conselheiros de Estado, com a estreia do sr. José de Novaes, puderam minorar a commoção produzida por aquella fantastica revelação.

Foi um assombro!

Acontece, muita vez, andarmos ao lado das coisas e não darmos por ellas. Um que chega de fóra, que vem desprevenido, que não tem razões moraes para uma errada visão, é que, de repente, nos põe boquiabertos, d'olhos boquiabertos, como dizia o Gosma.

Na nota officiosa enviada aos jornaes sobre a questão da chefatura dizia-se que, em casa do sr. conselheiro Pimentel Pinto, estando presentes todos os membros da commissão executiva, varias deliberações haviam sido tomadas por unanimidade de votos, as quaes terão seu natural seguimento. Nem mais palavra. A mesma incerteza continuava. Continuam com probabilidades de maior numero de votantes os srs. Teixeira de Sousa e Julio de Vilhena.

Conversou-se meia hora sobre o assumpto e voltou-se á tristeza da vacca fria.

A' vacca fria se voltou, logo que se soube do indulto dos estudantes, e feita meia duzia de considerações sobre o parecer dos conselheiros de Estado a respeito da dictadura.

Muitos jornalistas estrangeiros se teem occupado de coisas portuguezas, e todos mereceriam discussão; mas foi o sr. Civinini quem fez a revelação mais importante, em meio das suas divagações politicas. Ah! grande maroto o que nos foste revelar!... «As mulheres portuguezas teem todas bigode e pera!»

Todos nós conheciamos um ou outro delicioso, azulado, pequenino buço, em labio de trigueirinha, que suppunhamos muito capaz de inspirar, pelo menos, um soneto ao sr. Civinini; mas, o que ainda não tinhamos visto era, deslisando pela rua do Oiro ou arquejando rua Nova do Carmo acima o batalhão de porta-machados que os olhos geniaes do italiano vieram descobrir em Lisboa.

Não ha para cantar verdades como um estrangeiro! Aquillo é chegar, ver, decidir, prompto!

Que rapidez de visão teve o sr. Civinini!

E haver em Portugal poetas que amavam e cantavam suas damas: Bernardim Ribeiro, Camões, Bocage, Garrett, João de Deus! Porque não vivia em Italia um avô de Civinini, quando vieram buscar a princeza Beatriz? Teria aberto os olhos a Bernardim e teria sido um descanço para o poeta das saudades. Quem nos diria que Natercia, a quem Camões em seu soneto necrologico chamou alma sua gentil, quem tal havia de pensar que, como qualquer cabo de artilharia, retorcia um bigode de respeito?

Para que haviam de nos abrir os olhos, com tamanha crueldade?

Com este calor de rachar, quando a luz brilha no céo, é tão delicioso largar a redea ao sonho! E' preciso ter entranhas d'aço para acordar um poeta que vagueia no azul em busca de rimas de oiro, para cantar a linda amada! E' um pesadelo apontar-lhe defeitos na Dulcinéa que elle vê formosissima, obrigal-o a confundir o rosto espiritual da suspirada noiva com o espinhoso carão da inaturavel sogra.

E com mulheres todas barbudas haver tantos poetas em Portugal! O lyrismo é uma doença, e portuguez que cantou alguma mulher é porque estava em delirio como D. Quixote.

Durante oitenta annos andou cantando José Ignacio de Araujo agora fallecido. Foi dos mais expontaneos poetas da geração moderna. Alegre, ironico, bohemio, collaborou em muitos almanacks e jornaes satyricos. Escrevia sobre o joelho e, ás vezes, algumas das suas pequeninas composições eram quasi obras primas de graça e de originalidade. No theatro de D. Maria representou se de José Ignacio de Araujo a traducção d'uma comedia de Banville *Socrate et sa femme.*

Morreu com oitenta annos e versejou quasi até á hora da morte.

Diria Civinini: — Que cegueira!

Domingo que passou foi o primeiro de descanço obrigatorio. Aqui, acolá, pequeninas confusões, trapalhadas com a applicação do decreto, mas em geral alegria. Os caixeiros respiraram fóra das tendas e das lojas de modas. Corações, que palpitavam apressados, alargaram-se nos peitos, e olhos anciosos procuraram rostos amados pelas trapeiras da Baixa onde apontavam bigodes espessos e sentimentaes.

E ainda haverá estrangeiros que queiram vir a Portugal! Até japonezes cá estiveram e por ahi passearam, admirando monumentos e pontos de vista, assistindo á toirada, e tendo almoçado em Cintra na Pena o vice-almirante Ijuin e mais cinco officiaes da esquadra, o ministro do Japão e sua esposa. Ora queira Deus que na viagem os marinheiros não tenham pesadelos sonhando com mulheres portuguezas.

Foram se os japonezes, que, decerto, por amabilidade, nos mentiram muito, e chegam dois inglezes com a espaventosa idéa de ir de Lisboa até Gibraltar a cavallo em burros. Diz-se, porém, que já mudaram de tenção dando a muito amavel desculpa de que era, para tão longa viagem, intensissimo o calor.

Devemos agradecer-lhe a fineza da mentira. Os homens vinham illudidos com a leitura dos nossos poetas e romancistas. Viam-se por esse Alemtejo fóra respirando os perfumes fortes da murta, do alecrim e do rosmaninho, embriagando-se com elle e com o sorrir das alemtejanas a quem o pão de centeio faz os dentes muito brancos. Só a cantiga que diz que as meninas d'Elvas assentaram praça, lhes poderia ter posto pedra no sapato; mas não olhavam para isso, não viam o que estava occulto na ironia.

Ah! Civinini, Civinini, que tanto bem quizeste aos burros!

Os homens irão de comboio e d'olhos fechados até Badajoz.

No tempo das nossas illusões era convidal-os para essas lindas romarias que n'este mez de agosto se fazem por todo Portugal.

Era passeal-os por quasi todas as terras do Minho, e sobre tudo em Vianna, onde foram esplendidas, em Celorico da Beira, em Trancoso, e até nos arredores de Lisboa, na Atalaia e em Bellas.

O Senhor da Serra e a Senhora da Atalaia foram concorridissimos. Em Bellas, a velha quinta do Marquez, encheram-a mais de cincoenta mil pessoas. Poucas vezes na Atalaia se viu procissão tão extensa como a formada por todos os cirios que lá concorreram.

Foi uma alegria por essas terras. Que pena serem as mulheres tão feias!

Feliz, realmente feliz, tem sido o Principe Real na sua viagem. Esse, ao menos, vê pretas, pretas de labios que até podem parecer rosados ao lado de labios de portuguezas. Que alegria para elle, entre acclamações e discursos, poder pensar: — «E, logo á sahida, sorrisos de pretas imberbes!»

E seguem-se as festas sem uma sombra, sem uma senhora de buço pelo menos. Os telegrammas contam maravilhas da recepção, até em regiões pertencentes aos inglezes, e por onde o Principe tem sido acclamado em todas as cidades.

Em Maritzburgo, na casa da camara, o Principe, discursando, expressou a convicção de que Portugal saberia sempre corresponder á sua missão nacional na Africa do Sul. E terminou fazendo os mais ardentes votos pela prosperidade da colonia do Natal. Calorosos hurrahs e uma estrepitosa salva de palmas acolheram estas palavras. O Principe seguiu para Durban.

Quando voltar a Lisboa, que desillusões! Perguntará o que houve n'este verão por ahi, e talvez lhe contem os incendios, que muitos lavraram n'este agosto, e lhe façam com justiça o elogio dos bombeiros ou das bombeiras, não se sabe ao certo.

Das tragedias de Casellas talvez já lhe não falem, nem de como o caso foi explorado quasi tão vergonhosamente como vergonhosamente foi succedido.

«Quem meche em coisas sujas suja se» diz Dogberry na comedia de Shakespeare *Much ado about nothing.*

E já que falámos de theatro, diremos que foi já definitivamente entregue á empreza Ferreira e Menezes o theatro de D. Maria Duas actrizes novas lá se estrearão que já foram escripturadas. Segundo ouvimos, mas não queremos jurar, nenhuma d'ellas tem bigode e pera.

João da Camara

Ministro e Ministra do Japão, Almirante Ijuin e officiaes da esquadra japoneza acompanhados pelo capitão-tenente sr. Leotte Rego, no parque da Pena

Viagem de S. A. o Principe D. Luis Filipe ás Colonias

IX

Seja-nos permettido abrir um parenteses na derrota que iamos seguindo, para voltarmos a S. Thomé e a Loanda, donde nos chegam informações e fotografias sobre as festas que se realisaram em honra de Sua Alteza, quando ali passou.

Neste numero reproduzimos uma boa parte dessas fotografias, que nos pareceram mais interessantes, e que ao mesmo tempo dão a nota viva do entusiasmo com que o real viajante foi acolhido naquellas terras, que são pedassos da patria portuguêsa dessiminada por esses mares e lonjes paragens, onde fluctua aos ventos a prestigiosa bandeira das quinas.

Uma carta, que recebemos de um presado amigo nosso, passageiro do *Africa*, fala-nos da viagem de Lisboa até S. Thomé, uma viagem em boa monsão, de tempo calmo e mar de rosas, por onde o navio ia deitando seus 14 nós, indiferente á calmaria ou á rajada, pois não ha para navegar como levar o vento no porão.

Num bom vapor como o *Africa*, ácionado por boas maquinas, confortavel e até luxuoso, póde-se viajar por gosto, ainda quando uma ou outra refrega de tempo o assalte, como aconteceu, nas proximidades de Serra Leôa, em que as trovoadas vem sempre cumprimentar os transeuntes daquella estrada, com o seu cortejo de ribombos e de fortes aguaceiros. O mar agita-se e a vaga cresce, mas a grande fabrica fluctuante segue impavida por sobre as ondas e mal se recente da tormenta.

Maiores tormentas, sem figura de rétorica, trazem muita vez as coisas da terra do que as do mar, e por isso bom é que o joven Principe, que está fazendo seu tirocinio para o dificil oficio de reinar, cómo diria seu augusto tio-avô D. Pedro V, vá presenciando esse tumultúar das ondas embravecidas, não mais temerosas que o tumultuar das paixões humanas.

O batismo do mar é sempre bom para retemperar a alma; dá grandeza de vistas e forças de ani-

Viagem de Sua Alteza o Principe D. Luis Filipe ás Colonias

mo. Assim se educaram muitos de nossos maiores, e de seus feitos resa a historia.

Sua Alteza durante a viagem teve largas conferencias com o sr. conselheiro Ayres de Ornellas, ministro da marinha, em que este dissertou sobre historia colonial, descobrimento da Africa e vicicitudes porque tem passado aquelles dominios portugu ses, tão cubiçados por estrangeiros.

Assim se empregou o tempo da viagem tão util quanto agradavelmente. Outras horas entregava-se o Principe ao exercicio de tiro, dando mostras de bom atirador.

No convivio com seu camarista e seus oficiaes ás ordens se entretinha em conversassões, assim como com alguns passageiros da primeira classe, cativando a todos pela lhanesa do trato e simplicidade de sua vida.

Durante a viagem jantaram sempre á mesa de Sua Alteza, além da comitiva do Principe e do sr. ministro da marinha, alguns passageiros da 1.ª classe, honra muito apreciada por estes, quasi todos proprietarios em S. Thomé.

O commandante do *Africa*, sr. Vidal Junior, fez passar o navio á vista das Canarias e communicou com o semaforico de Tenerife, por meio do qual Sua Alteza transmetio um telegrama a El-Rei D. Carlos, participando: *Tudo vae bem, de boa saude.*

Em S. Thomé — A população aguarda a sahida de Sua Alteza da Sé depois do *Te-Deum*

Nesse dia, o segundo da viagem, o *Africa*, encontrou pelas 7 horas o *Malange*, que vinha para o norte, e com o qual chegou á fala.

Estes encontros no alto mar são sempre de agradavel impressão, e neste caso mais do que em outros, o entusiasmo foi grande, manifestado nas reciprocas saudações que de um navio para o outro trocaram as pessoas que iam a bordo, ouvindo-se no *Africa* distintamente tocar o himno real, que a charanga do *Malange* executou em honra do Principe.

Não faltou interesse nesta viagem, em que seguiram para S. Thomé varios proprietarios e negociantes da ilha, e o engenheiro sr. Raul Mesnier, que vae encarregado pela casa Burnay de estudar um caminho de ferro por meio de cabos para o planalto, especialmente destinado ao transporte de mercadorias, o que será de extraordinaria vantagem para a agricultura e comercio de S. Thomé.

Em outra missão cientifica ia tambem de viagem o sr. Frederico Oom, do observatorio da Tapada da Ajuda, encarregado de installar um observatorio astronomico com a hora oficial, no porto de Lourenço Marques.

Pelo que a bordo se soube, o sr. ministro da marinha trabalhou com o sr; José Francisco da Silva, chefe de gabinete e esclarecido oficial superior da armada, sobre o estabelecimento de postos de telegrafia sem fios na ilha da Madeira, nos Açores e em S. Vicente, cujas vantagens não é preciso encarecer.

Não se perde o tempo e oxalá se aproveite sempre em promover todos os progressos das colonias, que são todo o futuro de Portugal, como já são garantia do presente.

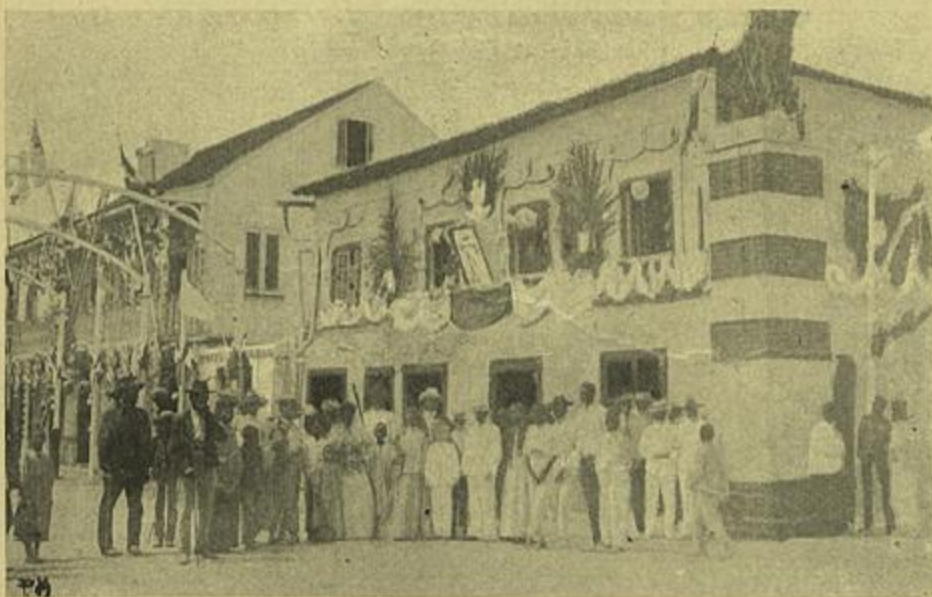
A viagem foi-se fazendo sem incidentes que a perturbassem. Mais o encontro de um vapor austriaco *Alga* com que se trocou cumprimentos, e pela noite de 4 dara 5 de julho passou a distancia visivel o *Portugal*, outro bello navio da Empresa Nacional de Navegação, cujos vapores se cruzam no caminho de Africa com frequencia animadora, em contraste do que era algum tempo, quando os raros navios de véla um anno e mais levavam para ir e voltar daquellas terras.

No dia 6 passava-se á vista de Cabo Verde e o *Africa* comunicava com o posto semaforico para enviar um telegrama do Principe D. Luiz Filipe a Sua Magestade El-Rei D. Carlos, e outro do commandante á Empresa.

Avistou-se tambem Dakar, possessão francêsa, onde o gove rno da Republica tem realisado nos ultimos annos importantes melhoramentos no porto com a construção de caes acostavel, dócas e outras obras, tão favoraveis para o comercio, como para garantir bom abrigo aos navios de guerra francêses no Atlantico.

A França aproveita quanto pode a suas colonias para dellas tirar todas as vantagens, embora para isso dispenda grossas quantias; o mesmo faz a Inglaterra, e a propria Allemanha, aspirante a colonisadora em Africa, empenha alguns milhões de marcos em beneficiar os quatro palmos de terra que por lá arranjou como um tesouro.

Tudo isto indica quanto Portugal se deve ir defendendo nas suas vastas possessões, onde muito tem ainda que fazer para garantir e firmar bem o seu imperio colonial.

Crêmos bem que a observação destes factos deverá influir no espirito do Principe Real, quando Sua Alteza vai numa viagem de estudo e terá ocasião de comparar o estado das nossas colonias em relação com as de outras nações, verificando que de tão vastos dominios portuguêses só S. Thomé e Lourenço Marques é que estão em via de prosperidades, especialmente esta ultima colonia, pelas obras já feitas e em via de se realisarem.

Em S. Thomé — Decorações no largo do Governador Mello e casas Lima & Gama e Salvador Levy & C.ª

Em S. Thomé — A casa Parisiense

(Fotografias do sr. M. Lopes enviadas pelo sr. Magalhães Azevedo)

Em S. Thomé — Decorações na Rua Alberto Garrido — Arco decorativo com a legenda SALVE feita com capsulas de cacau

Em S. Thomé — Decorações na Rua Conde de Valflôr

(Fotografias do sr. M. Lopes enviadas pelo sr. Magalhães Azevedo)

Viagem de Sua Alteza o Principe D. Luis Filipe ás Colonias

S. Thomé deve a sua crescente prosperidade ás condições excepcionaes do seu solo cultural, e quanto mais não desenvolveria sua riquêsa, se os melhoramentos do porto, vias de comunicação interna, transportes e saneamentos se posessem em pratica.

Seria esta a primeira colonia de expansão para os que precisam emigrar da metropole, seguros de que ali encontrariam um centro de atividade e de saude melhor garantida.

X

No dia 12 de manhan chegava o *Africa* a S. Thomé e de bordo logo se viu que a ilha estava em festa, divisando se bandeiras multicores, que se balouçavam ao vento, e a população acudia á beira mar, em grande massa, para assistir ao desembarque do Principe Real.

Todos os navios no porto estavam embandeirados em arco assim como os barcos que se dirigiam para bordo do *Africa*, condusindo as autoridades da terra, que vinham apresentar seus primeiros cumprimentos a Sua Alteza. Assim logo ali compareceram o governador da provincia sr. capitão tenente Pedro Berquó, engenheiro diretor das obras publicas sr. Guedes Quinhones, presidente da camara sr. Policarpo de Barros, capitão do porto, commandante do *Adamastor*, guarda-mór da alfandega, e os proprietarios agricultores srs. conde de Valflôr e Henrique de Mendonça, etc., etc.

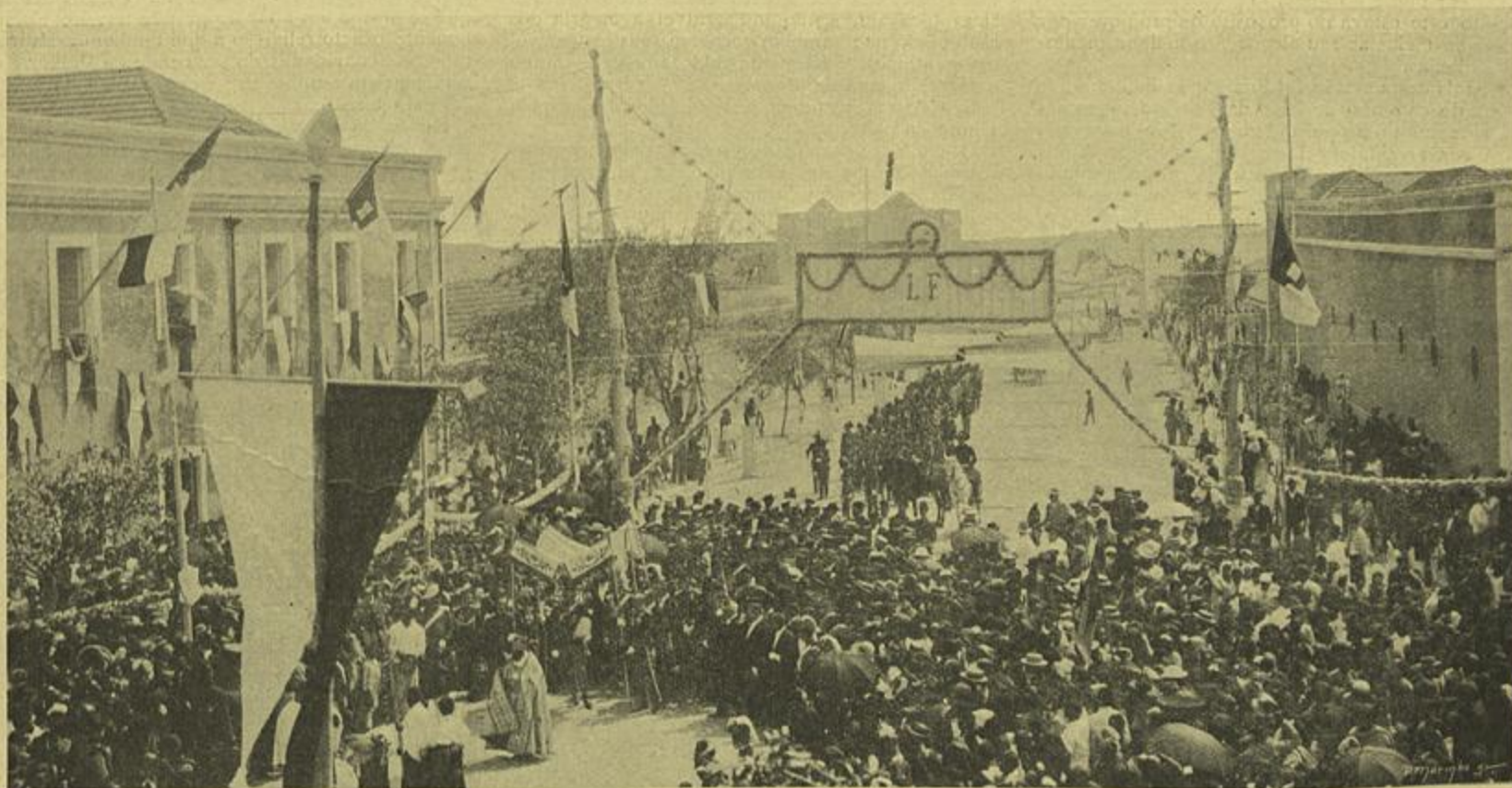
A's 11 horas desembarcou o Principe Real acompanhado de sua comitiva e do sr. ministro da marinha, rompendo então as salvas do *Adamastor* e do forte de S. Sebastião, ao mesmo tempo que se ouvia o himno nacional e ao ar subiam girandolas de foguetes, em alegre festa, mais animada pelos vivas e aclamações da população que se apinhoava na ponte e imediações do desembarque.

Foi no meio do mais caloroso entusiasmo popular que Sua Alteza saltou em terra, repetindo-se os vivas e aclamações do povo, por todo o trajéto até á Sé, onde se cantou *Te-Deum* em ação de graças pela chegada do Principe Real.

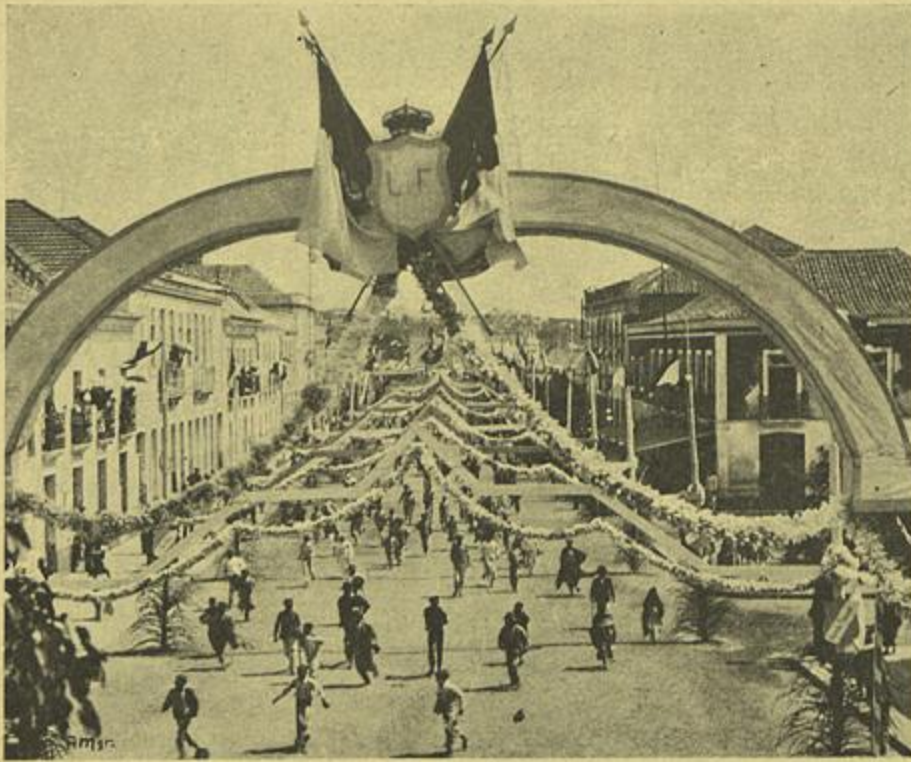
Pelas ruas, vistosamente decoradas seguiu depois o cortejo até á Camara, onde foi lida pelo sr. presidente uma mensagem de boas vindas a Sua Alteza, e agradecendo em nome dos habitantes de S. Thomé a

Em Loanda — Desembarque de Sua Alteza na ponte da Capitania

Con.º Ayres d'Ornellas — Conde da Ponte — Alferes Tudella — Coronel Antonio Costa
Marquez de Lavradio — S. A. D. Luis Filipe — Tenente Teixeira
Visconde do Alto Dande

Grupo feito no regresso da Fazenda Tentativa

Em Loanda — Passagem do cortejo na rua da Alfandega, Sua Alteza segue debaixo do Palio para a Sé

(Clichès da Fotografia Lisbonense, de Loanda)

Viagem de Sua Alteza o Principe D. Luis Filipe ás Colonias

Em Loanda — As decorações na Avenida Salvador Corrêa

honra da visita. O Principe agradeceu a mensagem e manifestou quanto estimava encontrar se n'aquella ilha, centro de tão poderosa força colonial e agricola que lhe merecia as atenções de seu estudo, pois bem reconhece que o futuro de Portugal está nas suas colonias.

Da Camara se dirigiu o Principe D. Luis Filipe para o palacio do governo, onde houve a recepção oficial.

Realisou-se nessa tarde uma sessão solemne em honra do sr. conde de Valflôr, o grande benemerito da colonia de S. Thomé, que mais beneficios lhe tem prestado com sua arrojada iniciativa e presistente trabalho. A essa sessão, em que foi inaugurado o retrato do opulento agricultor, assistiu Sua Alteza, e o sr. ministro da marinha, que falou em nome do governo português, afirmando quanto este estava no proposito de promover por todos os meios ao seu alcance, os melhoramentos das colonias.

Depois desta sessão foi Sua Alteza inaugurar as obras do caminho de ferro da Trindade, ceremonia que muito propositadamente fôra reservada para ser presidida pelo sr. D. Luis Filipe. A ella assistiu tambem o sr. ministro da marinha e todo o elemento oficial da ilha, assim como proprietarios e principaes pessoas de S. Thomé, entre o grande concurso de povo, que acompanhou sempre o Principe, aclamando-o entusiasticamente.

Dirigiu a ceremonia o nosso presado amigo, distinto engenheiro dirétor das obras publicas, sr. Guedes Quinhones, que tem com sua lucida inteligencia e grande atividade dado grande impulso aos trabalhos, de que esta linha ferrea é um dos principaes melhoramentos que mais necessario se tornava.

A' noite foi o jantar de gala no palacio do governo, para o qual houve convite ás primeiras autoridades da terra, e aos srs. conde de Valflôr, Henrique de Mendonça e Annibal Gama.

S. Thomé esteve em plena festa quando Sua Alteza, depois do jantar percorreu as ruas da cidade, todas iluminadas á venesiana e onde constantemente se queimavam fogos de artificio e musicas tocavam, sendo indiscritivel a alegria dos indigenas, que tambem tocavam seus instrumentos gentilicos, e folgavam ruidosamente, pulando e cantando com desafogo.

Sua Alteza recolheu a bordo do *Africa* pela 1 hora da noite.

O dia seguinte foi destinado a visitar as roças Rio do Ouro e Boa Entrada, como as principaes da ilha que servem de modelo ás outras.

A primeira que o Principe visitou foi a Rio do Ouro do sr. conde de Valflôr, que tem mais a de Bella Vista e Diogo Vaz. A roça Rio do Ouro ocupa uns 50 kilometros quadrados e emprega 2.000 serviçaes. Não se descreve a grandêsa de suas culturas, especialmente de cacau, a principal, como não se calcula todo o trabalho que seria mister, para levar essas culturas ao desenvolvimento que ora se vê. Ali tudo é grande, os enormes tratos de terrenos cuidadosamente cultivados, as edificações para habitação, para oficinas, para depositos, para instalações de maquinas, para residencia do proprietario, não faltando um hospital, em ótimas condições, creches para as creanças, na media de umas quinhentas, etc.

Toda a alfaia agricola é ali fabricada pelos indigenas, como os carros, vagonetes e todo o material circulante, para o que tem oficina-escola de oficios onde os serviçaes aprendem e seus filhos tambem.

Esta roça é uma verdadeira colonia onde nada falta para bem trabalhar e bem viver, pois é bom o tratamento dos serviçaes, como o não ha melhor em nenhuma outra parte, nem melhor remunerado. Ali se empregam pretos que vem do interior da provincia de Angola, meios selvagens, mas que em pouco tempo se civilisam tal ou qual, creando amor ao trabalho e formando familia, para o que cada um escolhe sua mulher, de que lhe não resulta grandes encargos, por que, independente de seus salarios, o proprietario da roça protege-lhe os filhos sustentando os e cuidando delles, para o que ha crèches onde são carinhosamente tratados por mulheres. Poucos dias antes tinham recebido a agua do batismo 400 creanças.

O que se observa na roça Rio do Ouro observa-se na roça Boa Entrada do sr. Henrique de Mendonça, e em todas as mais, guardadas as devidas proporções.

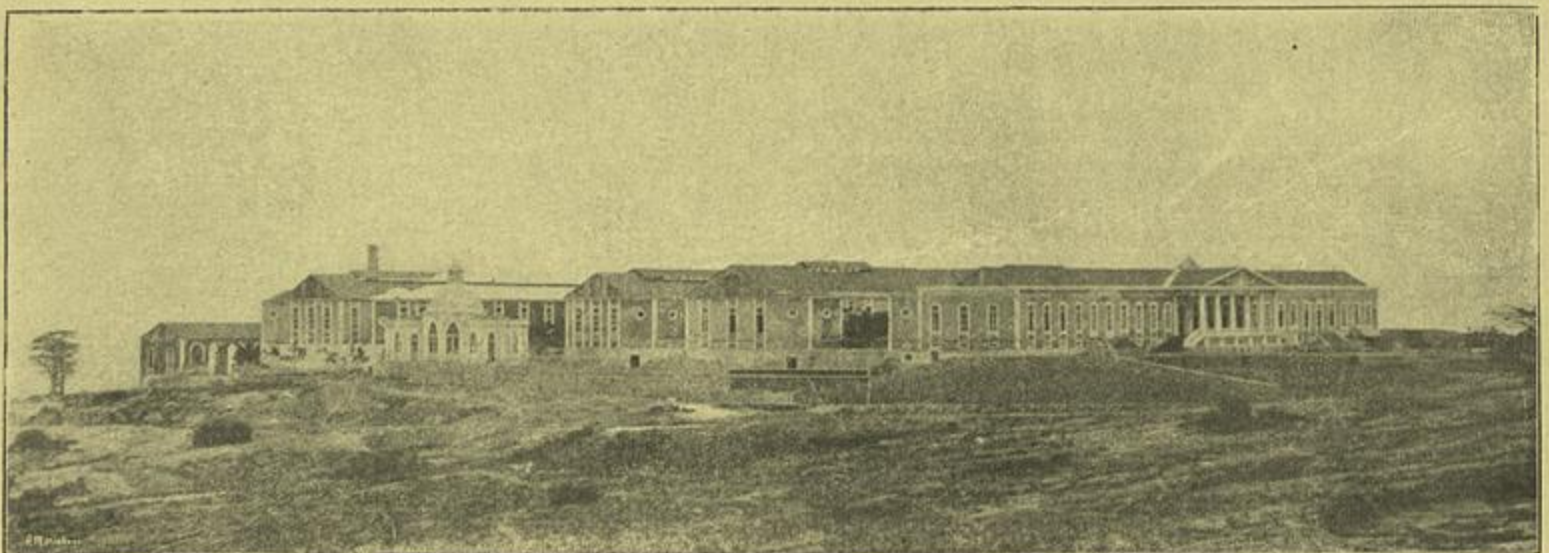
Foram essas as duas roças que Sua Alteza visitou minuciosamente, quanto o tempo permetio, mas que deixaram boa impressão no seu espirito, avaliando quanto póde o trabalho inteligente empregado em terra agradecida, que se desentranha em riquêsas abundantes.

A recepção feita pelo sr. conde de Valflor a Sua Alteza, foi verdadeiramente principesca, outro tanto sucedeu na roça Boa Entrada, onde o Principe foi recebido pelo sr. Henrique de Mendonça.

Na roça Rio do Ouro prenoitou o sr. D. Luis Filipe, onde depois de jantar, que acabou pela noite, assistiu ás iluminações e fogos queimados em sua honra, e que foram um deslumbramento.

No ultimo dia da estada em S. Thomé, domingo 14 de julho, assistiu Sua Alteza a uma missa campal, celebrada pelo vigario da cidade, para o que se armou um altar no grande terreiro. Foi imponente o acto religioso a que tambem assistiram todos os convidados do sr. conde de Valflôr e os serviçaes em numero superior a 2:000, em seus trajos caracteristicos.

Depois da missa foi a visita ao hospital da roça, e em seguida a partida para Agua Isé no caminho de ferro, onde Sua Alteza foi tambem acompanhado pelos srs. conde de Valflôr e Henrique de Mendonça.

O vapor *Mindello* condusio Sua Alteza e comi-

Em Loanda — Hospital «Maria Pia»
(Clichés da Fotografia Lisbonense, de Loanda)

tiva á roça Agua Isé da Companhia da Ilha do Principe, onde foi festivamente recebido.

Esta antiga propriedade é das maiores culturas, especialmente de café e de cacau.

Sua Alteza percorreu-a num carro Décauville acompanhado do sr. general Sousa Faro, que lhe foi explicando as plantações e trabalhos da grande cultura.

Houve almoço em Agua Isé, depois do qual Sua Alteza retirou, vindo embarcar no *Mindello*, que o esperava, para o conduzir a bordo do *Africa* que seguiu para Loanda.

Não podia ser mais festiva a recepção que a colonia de S. Thomé fez ao Principe Real, que seguramente conservará boa memoria della, como na sua rapida visita poderá ter avaliado bem a grande importancia desta privilegiada ilha, em que o trabalho e esforço dos portuguêses tanto tem concorrido para desenvolver sua natural riquêsa.

IX

Á entrada do *Africa* na grande bahia de Loanda, no dia 17 de manhan, comboiado pelo *Adamastor* desde S. Thomé, foi imponente, tendo vindo esperal-o fóra do porto todos os navios da divisão portuguêsa: canhoneira *Liberal*, *Limpopo*, transporte *Salvador Corrêa* e corveta *Affonso de Albuquerque*, todos embandeirados em arco e inçada, nesta ultima a insignia do commandante da esquadra, capitão de mar e guerra, sr. Antonio José Machado.

Com os navios de guerra vieram tambem esperar Sua Alteza as embarcações mercantes, formando aquelles em columna pela alheta de bombordo do *Africa*, e estas por estibordo, sendo os vapores *Loanda*, *Casengo* e *Lobito*, um submarino allemão *Ascar Woermann*, o vapor belga do Estado Independente do Congo, *L'Hirandelle*, precedidos da canhoneira de guerra inglêsa *Dwarf*.

Com estes e outros barcos se organisou um numeroso cortejo naval com que o *Africa* deu entrada no porto de Loanda, por entre as salvas das fortalêsas de S. Miguel, S. Pedro e Penedo e por baterias de artilharia formada á beira mar.

Chegava, pois, o Principe D. Luis Filipe á capital da provincia de Angola, a colonia mais antiga, mas nem por isso a mais beneficiada.

A recepção oficial revestio as mesmas formalidades do que em S. Thomé, sendo Sua Alteza recebido debaixo do palio e assim seguio pelas ruas de Loanda, mais ou menos enfeitadas, até a Sé, onde era esperado por Sua Eminencia o Bispo da Diocese D. Antonio Barbosa Leão, e onde se celebrou *Te-Deum*.

Nas ruas enorme concorrencia de povo aclamando o Principe Real, sendo esse povo na sua maioria de indigenas, que de todos os pontos mais proximos da cidade ali acudio em alegre festa.

Não obstante a crise que, de longa data, vem atravessando o comercio da provincia, não permetir que este contribuisse em larga escala para os festejos publicos, as manifestações de regosijo da população pela visita do Principe, expremiram bem o patriotismo que as animava, e o que não se exteriorisou em decorações e aparatos despendiosos, sobrou em demonstrações de expontaneo entusiasmo com que foi acolhido o herdeiro da corôa de Portugal.

Para que a visita de Sua Alteza ficasse memorada por algum acto de progresso, foi inaugurado nesse dia, no seminario liceu de Loanda o curso de interpretes e museu, instituido pelo reverendo Bispo de Angola e Congo, realisando-se para isso uma sessão solemne no Paço Episcopal, a que presidiu o Principe.

Visitou Sua Alteza o Observatorio onde veio inaugurar tambem uma exposição de amostras de produtos de Angola, organisada pelo sr. conselheiro Gomes de Sousa, e em que se vêem o café, o algodão, cacau, assucar, borracha, e alguns artefactos indigenas, etc.

Houve tambem visita ao hospital *Maria Pia*, belo edeficio como os não ha melhores, neste genero, na Europa e cuja magnifica organisação se deve ao sr. dr. Ramada Curto, quando chefe do serviço de saude em Angola, de que mais tarde foi governador geral da provincia.

Depois d'estas visitas, passeou o Principe Real de carruagem pela cidade, sendo sempre muito vitoriado pela população angolense. A' noite foi o jantar de gala no palacio do governo, a que assistiram os funcionarios mais graduados da provincia e em que o governador, sr. Paiva Couceiro, levantou o brinde do estilo entusiasticamente acompanhado por todos os comensaes e a que Sua Alteza correspondeu, agradecendo a carinhosa e festiva recepção que lhe era feita.

Quando o jantar acabou o sr. D. Luis Filipe derigiu-se ao Centro Militar onde houve sarau e baile em sua honra, e ali novas aclamações o festejaram.

A's 6 horas da manhan do dia seguinte (18), partiu Sua Alteza e comitiva no caminho de ferro até á estação de Quifandongo e dali seguiu em carro ao Alto Dande em excursão á fazenda Tentativa, propriedade modelo do sr. Visconde de Alto Dande.

Esta fazenda está estabelecida nas mesmas condições de trabalho e produção agricola que as de S. Thomé, que deixámos descritas, sendo sua principal industria o assucar.

E' um centro de riquesa que para o ser, custou muita presistencia de trabalho e ampate de capitaes, internado na provincia onde os meios de transporte se não facilitam.

Tudo isto Sua Alteza poude apreciar na visita que fez a esta importante propriedade, onde foi condignamente recebido pelo sr. visconde de Alto Dande e calorosamente festejado por todo o numeroso pessoal do trabalho, em que se empregam indigenas e europeus.

Houve ali lauto jantar oferecido pelo benemerito titular, que brindou a Sua Alteza, brinde a que o Principe correspondeu com manifesta satisfação.

O ultimo dia da estada do Principe Real em Loanda foi preenchido com mais algumas visitas a estabelecimentos publicos, assistindo ainda á inauguração da Escola de Artes e Oficios, D. Carlos I, mais um elemento de progresso para a descurada provincia, que oxalá entre num periodo de desenvolvimento.

Espétaculo de vêr foi, quando pelas 2 horas do dia, vieram alguns sóbas do interior apresentar seus cumprimentos ao Princide, acompanhados de sequitos gentilicos e musicas caracteristicas.

Eram 11 horas da noite quando Sua Alteza embarcou para bordo do *Africa*, que uma hora depois seguia sua derrota para Lourenço Marques.

Vistoso cortejo fluvial acompanhou o Principe á sahida do porto, seguindo ainda a esteira do *Africa*, até á distancia de 5 milhas, uns 12 navios, dos ancorados na bahia.

O aspéto do porto era deslumbrante, pois não só estavam Illuminados todos os navios, grandes e pequenos, o que produsia lindo efeito, como se queimou vistosos fogos de artefício. Musicas tocavam á beira mar, onde toda a população acudia, em ruidosos bandos de indigenas entusiasmados pela festa nunca vista na cidade.

CAETANO ALBERTO.

O GUANTE

(SCHILLER)

O combate aguardando,
Das féras a morte,
Ei-lo, ao rei, repousando,
Francisco, o rei forte.
E já os grandes da c'ròa em redor;
E em volta, formando grinalda,
O melhor, d'entre a gente fidalga,
Das beldades da còrte, o primor.

E a um asseno, que o rei então faz,
De uma jaula os batentes, gyrando p'ra traz,
Um leão entra, mudo,
A passo miudo;
Penetra, majestoso, pela arena,
Com a vista divagando pela scena;
E as fauces abrindo,
E a juba sacudindo,
Prostrando-se na liça,
Os membros espreguiça.

E a um novo asseno do principe,
Por outra janua, hiante,
Acode, saltitante,
Um tigre:
Que ao dar com o leão,
Impavido, no chão,
Assim que est'outro ruge,
Formidavel, estruge;
E com a cauda dando
Um golpe formidando,
As fauces escancara;
Ao longe e a'medo,'após,
A féra nubia encara,
Com um rosnar feroz;
E vindo, manso e manso,
Por fim, de aspecto estanco,
N'um tal ou qual remanso,
Agacha-se-lhe ao flanco.

E o principe, então, terceiro asseno faz:
De par em par, como atraz,
Dois leopardos, vomita
Outra jaula;
E o par de gatos, p'ra o tigre
Já feroz se precipita.
O tigre, veloz, com a garra,
A ambos, possante, agarra..
Fogem lhe...
Rugindo,
Ergue-se o leão...
Reina silencio, então:
E no circo,
Onde só cheiro de morte e de estertor se sente.
Se vêem os felinos, medonhos, frente a frente.

Entrementes,
De um balcão,
Da da jovem Cunigunda fina mão,
Cae um guante...
E a donzella de volta, rindo, p'ra o amante:
«Se é o vosso amor tão ardente,
«Como m'o juraes constantemente,
«Esse affecto immenso, provae-o,
«E o meu guante alli, levantae-o!»

P'ra a arena, então, descendo, o cavalleiro,
D'entre as féras, a luva, mui ligeiro,
Com pulso firme apanha;
E os outros, e as damas, já pasmados,
O vêem ir, voltar, terrificados,
Dos brutos pela sanha.

Chovem-lhe encomios mil, de toda a banda;
E co'um fagueiro olhar, que já lhe manda,
A bella Cunigunda,
Esta o recebe em alegria funda.
O olhar promessas verte, e lá de um gosto...
Mas elle, assim que á dama se abeirou,
Emboras dispensou:
E o guante lhe lançando em pleno rosto,
P'ra sempre, e em continente, a abandonou.

ALEXANDRE FONTES.

CIENCIA MODERNA

A que distancia da trovoada se pode ouvir o trovão?

Agora que estamos proximos da segunda epoca de trevoadas, no anno, parece-nos curioso dizer algumas palavras sobre este assunto, embora não se saiba precisamente marcar os limites maximos e minimos, entre os quaes se pode ouvir distintamente um trovão, sabendo se a que distancia existe a trovoada — A este respeito, um meteorologista de nome, o sr. Luiset, do observatorio de Lyon, fez uns estudos cuja sumula aqui vamos relatar.

Diz o sabio:

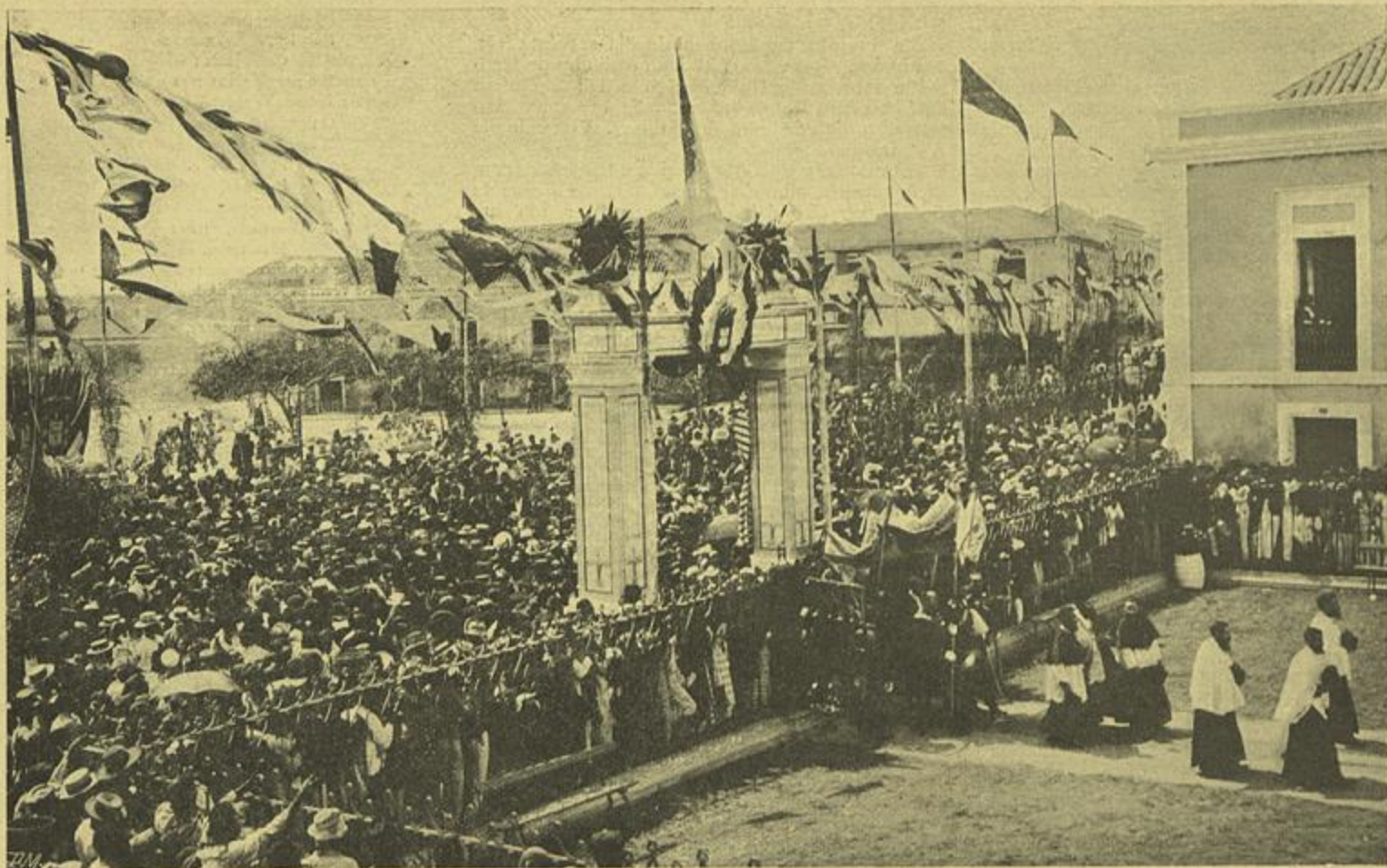
«E' preferivel sempre observar os principios e os fins de cada trovoada e nunca o momento em que ella se acha na maior intensidade, visto que, n'essa ocasião, os estrondos sucedem-se quasi que ininterruptamente e é dificil precisar a que relampago corresponde um determinado trovão, desde que estes se repitam a cada momento. Ha algumas trovoadas, que chegam a produzir um relampago em cada segundo de tempo e conseguintemente um trovão, de modo que muitas vezes ouvimos um estrondo muito prolongado de um tro vão que afinal poderá ser produzido pela acumulação de som de dois ou mais trovões.

«Além d'esse, deve-se sempre preferir as descargas que se efetuárem entre as nuvens e o solo e não as que se derem entre duas nuvens, isto é os relampagos produsidos na direção vertical, o que é facil de distinguir visto qne as primeiras dão sempre origem a ruidos mais seccos.»

Aragó dava por distancia maxima de se poder presencear uma trovoada, 25 kilometros de distancia. Kang Hi, imperador da China, elevou essa distancia a 40 kilometros.

Desde 1894 que Luisel pretende precisar exatamente as distancias, notando a direção do relampago e o tempo que medeia entre o clarão e o estrondo que, como é sabido, multiplicado por 340 dá exatamente a disiancia da trovoada. Assim poude elle concluir que ha trovoadas que se ouvem distintamente a 39, 42 e 45 kilometros (limite maximo), sendo necessario atender que esse limite foi encontrado em circunstancias deveras favoraveis, isto é, sem a presença de colinas ou montanhas que impedissem a propagação do som, e com um tempo calmo.

Em ocasiões de borrascas, ventos violentos, etc., esse limite varia para menos; sobretudo se os dois locaes se acham cercados de serras elevadas.

E' assim que na Hollanda, em Muscheubrock, succedeu observar-se que uma trovoada que reben-

Em Loanda — O cortejo acompanhando S. A. o Principe D. Luis Filipe á entrada na Sé
(Cliché da Fotografia Lisbonense, de Loanda)

tava fortemente em Haya, não foi notada em Lille, isto é, a 4 leguas, apenas, de distancia.

As circunstancias que poderão mais influir na propagação do som das trovoadas são muito complexas, e algumas, ainda desconhecidas. No entanto, diremos que as que se conhecem são:

1.º A variação de quadrante dos ventos predominantes de um ponto para o outro, o que poderá afastar uma trovoada, e concentral-a, isto é, restringir a sua esfera de áção;

2.º A presença de montanhas elevadas entre os dois locaes;

3.º A existencia de uma trovoada local, devido em parte á 1.ª circunstancia citada, porque os ventos soprando fóra da area da trovoada, em direções diversas fazem acumular a elétricidade contraria n'um ponto;

4.º A presença d'um centro de depreção perto do local que se observa, e que, como se sabe, estabelece a calma e o céu sereno n'um dado sitio, onde a poucas leguas de distancia a chuva e a trovoada ataca violentamente. N'essas regiões poderá vêr-se os relampagos, sem ouvir os trovões.

Causas secundarias, em parte ignoradas, poderão tambem influir no maior ou menor limite a que se pode ouvir uma trovoada, o que, porém, parece estar averiguado é que o limite maximo é, hoje, calculado a 45 kilometros, isto é, a 9 leguas de distancia.

Antonio A. O. Machado.